

A EXPERIÊNCIA DE UM ATELIER DE ARQUITETURA COMO MEIO DE REGISTRO DE BENS INTEGRADOS DA ARQUITETURA PELOTENSE

*LA SPERIENZA DI UN ATELIER DI ARCHITETTURA COME UNA FORMA DI
REGISTRARE I BENI INTEGRATI DELL'ARCHITETTURA DI PELOTAS*

Franciele Fraga Pereira

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo / PROGRAU UFPEL
franfragap@gmail.com

Karen Majuriê da Silva

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo / PROGRAU UFPEL
karenmajurie14@gmail.com

Aline Montagna da Silveira

Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Colaboradora do Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira
Universidade Federal de Pelotas
alinemontagna@yahoo.com.br

RESUMO

O patrimônio edificado pelotense, reconhecido recentemente por seu importante acervo eclético, tem sido objeto de diversas pesquisas nos últimos anos, nos mais diversos campos do conhecimento. O seu reconhecimento foi comprovado através de ações de patrimonialização, como o inventário e o tombamento de diversos bens imóveis integrantes desse conjunto. Além da ambiência urbana do conjunto, de relevante valor simbólico e cultural, muitos edifícios possuem em seus interiores bens integrados (ladrilhos hidráulicos, azulejos, vitrais, forros de estuque, escaioles, pinturas murais e gradis, entre outros) que revelam aspectos da materialidade e da imaterialidade (do saber fazer) de ofícios tradicionais, que compõem os bens culturais da cidade. Entretanto, os instrumentos de proteção vigentes não garantem a preservação da integridade dos interiores de grande parte dessas edificações inventariadas. Os proprietários e/ou usuários dos imóveis, movidos pela especulação imobiliária, pela falta de recursos para manutenção ou até mesmo pela falta de conhecimento sobre os bens integrados, acabam por descaracterizar seus imóveis. Nesse âmbito, a experiência da disciplina Projeto de Arquitetura VI, do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPEL traz uma significativa contribuição, documentando, registrando e destacando a importância, junto aos usuários desses bens, da importância cultural desses acervos presentes nos interiores de diversas residências pelotenses.

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo; Patrimônio Cultural; Preservação do Patrimônio; Pelotas; Bens Integrados.

ABSTRACT/RESUMEN

Il patrimonio edilizio di Pelotas, riconosciuto recentemente per la sua importante collezione eclettica, è stato oggetto di numerose ricerche negli ultimi anni, nei più diversi campi della conoscenza. Il suo riconoscimento è stato dimostrato attraverso azioni di patrimonializzazione, come l'inventario e la quotazione di diverse proprietà immobiliari che fanno parte di questo set edilizio. Oltre all'atmosfera urbana, di rilevante valore simbolico e culturale, molti edifici hanno al loro interno beni integrati (piastrelle idrauliche, piastrelle, vetrate, soffitti in stucco, scagliola, dipinti murali e ringhiere, tra gli altri) che rivelano aspetti di materialità e l'immaterialità (del sapere-fare) dell'artigianato tradizionale, che costituisce i beni culturali della città. Tuttavia, gli strumenti di protezione esistenti non garantiscono il mantenimento dell'integrità interna della grande parte di questi edifici inventariati. I proprietari e/o gli utenti di immobili, spinti da speculazioni immobiliari, per la mancanza di risorse per la manutenzione o anche per la mancanza di conoscenza dei beni integrati, finiscono per decharacterizzare le loro proprietà. In questo contesto, l'esperienza della disciplina Progetto Architettonico VI, del corso di laurea in Architettura e Urbanistica presso UFPEL offre una contribuzione significativa, facendo la documentazione e il

registro, evidenciando l'importanza, con gli utenti di questi beni, dell'importanza culturale di queste collezioni presenti negli interni di diverse residenze di Pelotas.

Parole chiave: Architettura ed Urbanistica; Patrimonio Culturale; Preservazione del Patrimonio; Pelotas; Beni Integrati.

Introdução

Na cidade de Pelotas, a riqueza acumulada através da produção e comercialização do charque, entre o fim do século XVIII e início do século XX, proporcionou o desenvolvimento do núcleo urbano (SANTOS 2009, GUTIERREZ 2001). O acúmulo de capital financeiro dentre as camadas sociais mais elevadas pode ser manifestado na suntuosidade da ambiência urbana, em seus monumentos, praças, marcos e edificações públicas e privadas (SCHLEE 2008). Esse período de apogeu econômico da cidade reflete o momento de gênese de muitos dos bens patrimoniados de Pelotas.

A importância do patrimônio cultural pelotense é atestada não só pela sua materialidade, mas também pelas relações simbólicas que esses elementos representam à sua comunidade: as relações sentimentais e de memória, o saber fazer, as artes e ofícios, entre outros. Segundo MENESES (2009), todo o patrimônio material tem uma dimensão imaterial que envolve significados e valores, da mesma forma que a imaterialidade necessita da materialidade para se expressar.

Porém, apesar da importância e da ligação desses signos com a sua comunidade, a partir da década de 40, aproximadamente, o espaço urbano da cidade começou a ser modificado. Nesse momento, situações conjunturais nacionais e internacionais trazem consigo uma série de mudanças socioeconômicas e também culturais que indiretamente estimulam a destruição de boa parte do patrimônio arquitetônico existente, principalmente na área central da cidade. A crescente destruição do patrimônio cultural nos últimos anos, demonstra que Pelotas não tem conseguido enfrentar o paradoxo entre ser “moderna” e ao mesmo tempo conservar suas tradições e memórias do passado (SCHLEE, 2008).

A relevância do patrimônio arquitetônico pelotense é reconhecida em âmbito municipal, estadual e federal através dos instrumentos jurídicos de tombamento e inventário de edificações. Recentemente, no ano de 2017, a Secretaria de Cultura do município atualizou o cadastro de aproximadamente 1,7 mil imóveis como inventariados, e classificou-os em

níveis distintos de preservação. O tema do patrimônio pelotense adquire mais relevância especialmente no momento em que se efetiva o reconhecimento do “Conjunto Histórico de Pelotas e das Tradições Doceiras da Região de Pelotas e Antiga Pelotas (Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo, Turuçu), no Rio Grande do Sul, como Patrimônio Cultural Brasileiro” (IPHAN, 2018). O reconhecimento do “Conjunto Histórico de Pelotas” juntamente com suas “Tradições Doceiras” demonstra uma perspectiva mais contemporânea dos órgãos de proteção, evidenciando assim a indissociabilidade do patrimônio material e imaterial.

Apesar do enfoque recorrente na preservação e reconhecimento de edificações representativas do poder dominante, entende-se que atualmente há grande importância em preservar não só as edificações monumentais, mas a sua ambiência. Dessa forma, os olhares voltam-se para a importância dos conjuntos urbanos, incluindo edificações “não monumentais” que compõem a ambiência do sítio.

Além da ambiência urbana do conjunto, de relevante valor simbólico e cultural, muitos edifícios possuem em seus interiores bens integrados (ladrilhos hidráulicos, azulejos, vitrais, forros de estuque, escaiolas, pinturas murais e gradis, entre outros) que revelam aspectos da materialidade e da imaterialidade (do saber fazer) de ofícios tradicionais, que compõem os bens culturais da cidade. Diversas das técnicas empregadas para a produção desses elementos tem mão-de-obra escassa nos dias atuais, o que demonstra a importância de ações de registro desses saberes. Em consonância com esse pensamento, sobre a preservação do patrimônio edificado, Neutzling (2019, p.18) afirma: “não somente por sua qualidade e singularidade arquitetônicas, mas também como forma de reconhecimento pelo esforço daqueles trabalhadores anônimos que, escravos ou livres, ajudaram a construí-lo”.

Entretanto, apesar do reconhecimento do saber-fazer desses elementos, os instrumentos de proteção vigentes não garantem a preservação da integridade dos interiores de grande parte dessas edificações inventariadas. Nesse âmbito, a experiência da disciplina Projeto de Arquitetura VI, do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPEL traz uma significativa contribuição, documentando, registrando e destacando a importância, junto aos usuários desses bens, da relevância cultural desses acervos presentes nos interiores de diversas residências pelotenses.

Esse trabalho relata brevemente a experiência docente da orientadora do trabalho e as experiências de estágio docente das autoras, que atualmente desenvolvem suas pesquisas de mestrado na linha de “Teoria, História, Patrimônio e Crítica” do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPEL. É importante ressaltar que para o pleno desenvolvimento do trabalho da disciplina, aqui relatado, é de suma importância o apoio e participação do Núcleo de Estudos em Arquitetura Brasileira (NEAB), sediado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPEL. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Caminhos metodológicos

A disciplina de Projeto de Arquitetura VI foi implementada no ano de 2017, após uma reformulação do currículo obrigatório do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPEL. O principal objetivo da disciplina consiste na elaboração de um projeto de intervenção no patrimônio edificado de valor cultural. O conteúdo é estruturado a partir de estudos, análises, reflexões e propostas, pautadas na temática de preservação do patrimônio cultural. A partir do ano de 2018, a área escolhida para a prática dos estudos foi a região do Primeiro Loteamento da cidade, atualmente conhecida como ZPPC 1 - Zona de Preservação do Patrimônio Cultural.

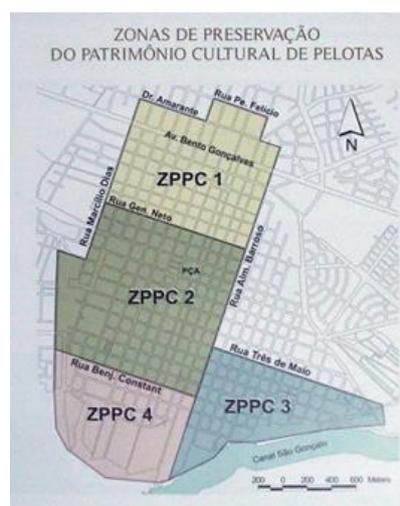


Figura 01: Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural de Pelotas-RS. Fonte: Prefeitura de Pelotas-RS

Os grupos de trabalhos, compostos por três alunos, escolhem uma edificação que considerem de relevância como bem cultural e que utilize técnicas tradicionais na sua construção (JANTZEN, 2010). A edificação escolhida é objeto de estudo por parte dos alunos durante todo o semestre, utilizando-a para estudos como pesquisa histórica, análises tipológicas, formais, levantamento de patologias, levantamento fotográfico, levantamento arquitetônico, e ao fim da disciplina, como objeto de intervenção, através da proposta de uma edificação anexa à existente.

O tamanho da edificação, a complexidade de seus ornamentos para o levantamento, a existência de documentação histórica sobre a obra e a disponibilidade e/ou interesse dos proprietários no auxílio da reconstituição dessa trajetória do edificado são variáveis que balizam o desafio por parte dos alunos. Dessa maneira, cada turma e cada grupo de trabalho tem um universo de estudo particular durante o semestre.

Apesar do vasto conteúdo produzido na disciplina, o trabalho aqui proposto dará enfoque aos bens integrados de duas edificações em particular, levantadas pelos alunos nos anos de 2018 e 2019. Os bens integrados consistem em elementos que embora passíveis de remoção, são vinculados a superfície edificada interna ou externa. Eles são fortemente ligados a edificação, pois suas formas, dimensões, proporções e localização relacionam-se diretamente com o espaço que os permeia.

O caso do Grupo Escolar Ondina Cunha

A residência que pertenceu à professora Ondina Cunha abriga, desde a década de 1960 o Grupo Escolar que também carrega seu nome. Situada a rua Gonçalves Chaves, a edificação foi objeto de estudo de alunos da turma do segundo semestre de 2019. Atualmente, a edificação é de propriedade privada, locada pelo Estado para abrigar a Escola Estadual de Ensino Fundamental Ondina Cunha.

A edificação possui uma implantação em forma de T. Na parte frontal, possui um volume térreo voltado para a rua Gonçalves Chaves e, anexo a esse volume frontal, encontra-se um bloco de dois pavimentos. Os acessos ocorrem nas duas laterais do terreno. O corpo principal da edificação é afastado das divisas do terreno, e possui um eixo de circulação central. Os interiores apresentam uma série de bens integrados que evidenciam a importância da edificação: esquadrias com bandeiras ornamentadas, forros de madeira e escaiolas.

Fatores como a escassez de recurso para manutenção de edificações escolares públicas, a possível falta de interesse dos usuários e o desconhecimento sobre a importância

dos bens integrados podem ser a origem da atual precarização do estado de conservação do edifício e dos bens integrados existentes no local.

Uma demonstração dos problemas encontrados na preservação dos bens integrados pode ser observada na situação dos elementos em madeira, como forros e esquadrias (figura 02). Pode-se observar a substituição desses elementos de forma total ou parcial, bem como interferências inadequadas nesses e em diversos outros bens integrados.

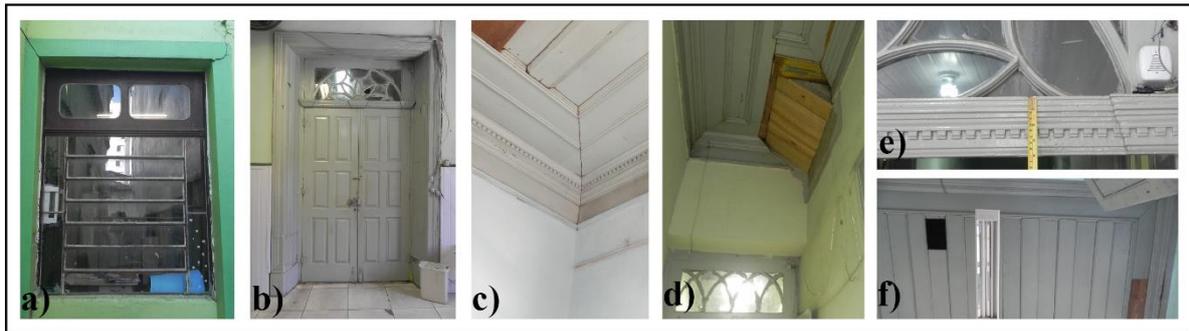


Figura 02: Elementos em madeira: forros e esquadrias. Fonte: Registro de Beatriz Moraes Rosa, 2019.

É possível observar que as esquadrias apresentam certo nível de refinamento, evidenciado pelo aperfeiçoamento na execução das bandeiras e dos planos almofadados. Os forros originais de saia e camisa são arrematados com rodafornos ornamentados, que se encontram com intervenções inadequadas em vários ambientes. Apesar da qualidade da matéria prima utilizada nesses elementos, os bens integrados em madeira recorrentemente sofrem com os ataques dos cupins e com a ação da umidade e chuva.

Outro bem integrado identificado nessa residência, que passou por intervenções que comprometem a sua legibilidade são as paredes revestidas com escaiolas (figura 03). A escaiola foi muito empregada nas construções de Pelotas, de maneira que a cidade contou com diversos profissionais desse ofício (NEUTZLING, 2019). No estudo de caso aqui retratado foi possível identificar revestimentos com escaiolas nas paredes do corredor, abaixo de uma pintura recente que passa por processo de descolamento.



Figura 03: Escaiolas na EEEF Ondina Cunha. Fonte: Registro de Beatriz Moraes Rosa, 2019.

Quase que em contradição aos elementos anteriormente citados, os ladrilhos hidráulicos são, possivelmente, os elementos que melhor resistem a ação do tempo. Compostos de cimento, areia e corantes à base de óxido de ferro, os ladrilhos hidráulicos foram amplamente utilizados nas residências pelotenses entre o final do século XIX e início do século XX (DOMINGUEZ, 2017). Esse tipo de revestimento de piso era comumente encontrado nas áreas “frias” das residências, como cozinha e áreas de serviço, pois facilitava a limpeza desses ambientes. Porém, muitas vezes é possível encontrar tal revestimento no hall de entrada ou cômodos mais sociais da casa, como sala de estar ou circulações, demonstrando a preferência dos moradores da casa pelo revestimento, como é o caso em questão.

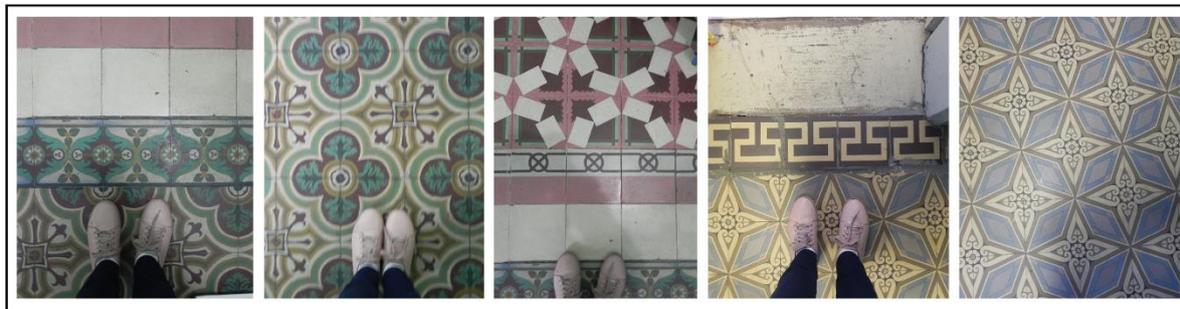


Figura 04: Ladrilhos hidráulicos na EEEF Ondina Cunha. Fonte: Registro de Beatriz Moraes Rosa, 2019.

Os desenhos mais elaborados, e o número de cores aplicadas, demonstravam um maior poder aquisitivo por parte do morador. A preferência pelo uso dos ladrilhos hidráulicos era tamanha, que Pelotas chegou a ter sua própria produção, evidenciada por cerca de 17 fábricas (DOMINGUEZ, 2017).

O caso do Colégio Monsenhor Queiroz

O edifício de dois pavimentos, mandado construir pelo Dr. Miguel Barcellos, em rua que faz alusão a seu nome, abriga hoje uma instituição de ensino público. Miguel Barcellos

representa uma figura importante do contexto social de Pelotas dos tempos áureos, foi médico, vereador, deputado provincial, vice-presidente da província e também recebeu o título de Barão de Itapitocaí (MOURA, 1998).

A edificação assobradada apresenta ornatos em sua fachada e conta com tratamento diferenciado dos seus interiores, resultante da presença de bens integrados. Segundo Moura (1998) esse é um dos raros exemplos de construção de dois pavimentos localizada na zona de estudo da disciplina. A antiga residência do Dr. Miguel Barcellos já abrigou em suas dependências o Colégio Municipal Pelotense, o Colégio Dom João Braga e atualmente é a sede do Colégio Monsenhor Queiroz.

A quantidade e qualidade dos materiais aplicados é relevante nessa edificação. Nos seus interiores é possível encontrar tapetes de ladrilhos hidráulicos trabalhados, diversos ambientes com grandes planos escaiolados, forros e assoalhos em madeira e grandes vãos envidraçados.

A casa é uma das poucas na zona de estudo, e de Pelotas, a qual possui azulejos aplicados (UFPEL, 1999). A utilização desse revestimento poderia ser encontrada tanto em residências como em edifícios institucionais, tais como a Catedral São Francisco de Paula e o Asilo de Mendigos (UFPEL, 1999); sua utilização enfatiza o valor monetário empregado na construção. Segundo Curval (2008, p.21), através de método de comparação visual, os azulejos empregados na escola Monsenhor Queiroz foram identificados provavelmente como de origem holandesa.

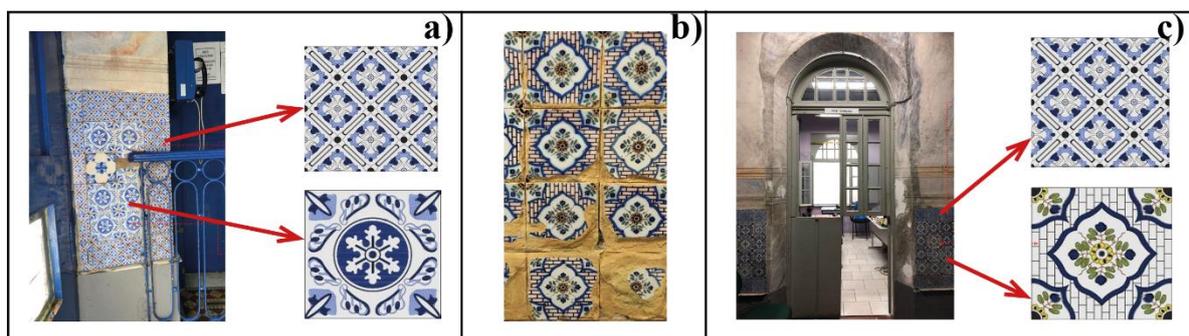


Figura 05: Azulejos no Colégio Monsenhor Queiróz. Fonte: Marina Trentin, 2018.

A residência possui também elementos metálicos bem trabalhados, como os guarda-corpos dos balcões, gradis e bandeiras das aberturas (figura 06). No século XIX a metalurgia e siderurgia brasileiras ainda estavam em desenvolvimento, dessa maneira grande parte dos elementos metálicos presentes em edificações desse período podem ter sido importadas de

usinas europeias (DAMETTO, 2009). Os metais ferrosos foram amplamente utilizados na arquitetura da cidade, segundo Dametto (2009) seu emprego era comumente associado às bandeiras, balcões, grades em porta de madeira e grades de janela de porão (gateiras), entre outros elementos.



Figura 06: Elementos Metálicos no Colégio Monsenhor Queiróz. Fonte: Marina Trentin, 2018.

Através da atividade de pesquisa histórica realizada pelos alunos, foi possível identificar alguns bens integrados que foram removidos nessa edificação. Esse é o caso do chafariz que se localizava no pátio interno do sobrado, do qual já não há mais vestígios de sua existência.



Figura 06: Chafariz removido, localizava-se no pátio interno do sobrado.
Fonte: acervo do Colégio Monsenhor Queiróz, 2018.

A pesquisa histórica também permitiu a observação da modificação da edificação ao longo do tempo. É possível observar que a edificação não contava com presença de platibanda (figura 07, “a”). Nas imagens mais recentes há ainda outra modificação, a subtração do volume destinado à garagem da residência (figura 07, “b” e “c”).

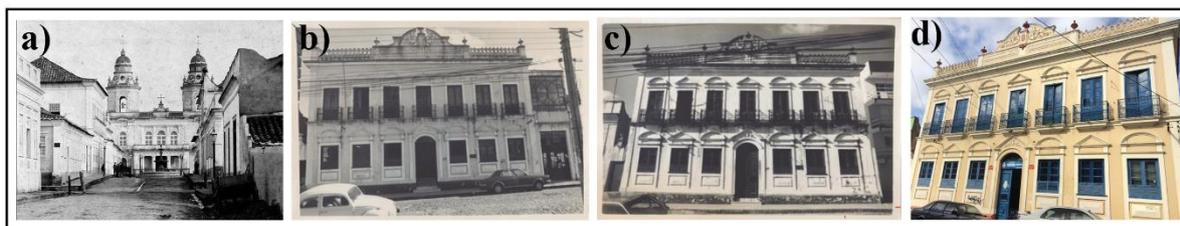


Figura 07: As modificações ao longo do tempo. Fonte: Almanaque Bicentenário de Pelotas (a); acervo Secretaria de Cultura de Pelotas, 1987 (b e c); Marina Trentin, 2018 (d).

Considerações finais

A recorrente utilização desses e de outros bens integrados em diversas edificações públicas e privadas erguidas nesse período histórico revelam a adoção de uma linguagem comum às classes dominantes da época, não só em Pelotas, mas em diversas cidades do país. A localização da cidade, conectada ao porto de Rio Grande pelos caminhos navegáveis e a sua proximidade à Bacia do Prata, facilitou o traslado de materiais e artífices, ainda mais evidenciado após a abertura da estrada de ferro no fim do século XIX.

O vasto patrimônio edificado pelotense, fruto desse desenvolvimento econômico saladeiril, deixou para a cidade um rico patrimônio edificado que carece de olhares mais atentos à sua preservação. Além de suas qualidades estéticas e formais, salientamos aqui, esses objetos como demonstrações de um saber fazer do período. O registro e estudo desses bens por parte dos alunos, é uma prática que busca evidenciar a carga cultural, o modo de produção artesanal e centenário desses bens imateriais.

Apesar do reconhecimento da importância desse acervo de bens integrados que a cidade possui, os instrumentos de proteção municipais vigentes garantem a proteção de um número pouco expressivo dessas obras. A salvaguarda acontece, muitas vezes, pelo reconhecimento e valorização dos próprios usuários dos imóveis. Essa situação, recorrente em outros estudos de caso que perpassaram a disciplina nos últimos semestres não é muito evidenciada nos estudos de casos aqui relatados. Por diversas vezes, os usuários de edificações com bens integrados não têm conhecimento sobre a importância desses elementos e desconhecem as medidas necessárias para sua preservação e manutenção.

Até o momento, em seus quatro semestres de atuação, a disciplina já trabalhou com cerca de trinta edificações na área do primeiro loteamento da cidade. A ação de cadastramento e registro realizada pela disciplina é pequena, se comparada com a extensão do patrimônio edificado pelotense.

Entretanto, acreditamos que a cada semestre esse trabalho contribui para uma formação qualificada, por parte dos alunos, sobre o patrimônio da cidade. Dessa forma, percebemos que a ação da disciplina tange uma perspectiva ampla, ressignificando, documentando, registrando e destacando a importância, junto aos usuários desses bens, da importância cultural desses acervos presentes nos interiores de diversas residências pelotenses.

REFERÊNCIAS

CURVAL, Renata Barbosa Ferrari. **Azulejaria Portuguesa no patrimônio edificado do sul do Brasil**. 2008. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Renata-Curval.pdf>. Acesso em 24.10.2019.

DAMETTO, Ana Paula de Andrea. **Os metais no patrimônio arquitetônico urbano de Pelotas, RS – 1870 a 1931**. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Ana-Paula-Dametto.pdf>. Acesso em 24.10.2019.

DOMINGUEZ, Andréa do Amaral. Ladrilhos Hidráulicos: tapetes de cimento, areia e pigmento nos casarões senhoriais de Pelotas-RS. **IV Colóquio Internacional: A Casa senhorial: Anatomia dos Interiores**. Pelotas, p. 350-379, jun. 2017. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/Seminarios/anais_IV_Coloquio_CasaSenhorial_2.pdf. Acesso em: outubro de 2019.

GUTIERREZ, E. J. B. **Negros, Charqueadas e Olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. Pelotas: Ed. UFPEL, 2001.

IPHAN. **Pelotas (RS) recebe certificado de Patrimônio Cultural**. 2018. Online. Acessado em 05.09.2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/rs/noticias/detalhes/4675/pelotas-rs-recebe-certificado-de-patrimonio-cultural>.

JANTZEN, S. A. D.; *et alii* **Architectural Patrimony in urban Areas: Methodology and case studies os the South of Rio Grande do Sul, Brazil**. Hamburgo, ISUF, 2010.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: sistema nacional de patrimônio cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão**, Ouro Preto, Minas Gerais, 2009 / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; coordenação, Weber Sutti. - Brasília, DF: Iphan, 2012.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim de; SCHLEE, Andrey Rosenthal. **100 Imagens da Arquitetura Pelotense**. Pelotas: Pallotti, 1998. 240 p.

NEUTZLING, Simone Rassmussen. **O saber e o fazer: um olhar sobre o patrimônio: escaiolas em Pelotas.** Porto Alegre: Imagina Conteúdo Criativo, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

RUBIRA, Luís (org). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas.** Pelotas: Pallotti, 2012.

SANTOS, Carlos Alberto Avila dos. Elementos funcionais/ornamentais & ideologia, nas composições de fachadas do ecletismo da fronteira meridional do Brasil: 1870-1931. **180ª encontro da associação nacional de pesquisadores em artes plásticas transversalidades nas artes visuais,** Salvador, Bahia, 2009. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2009/pdf/cpcr/carlos_alberto_avila_santos.pdf. Acesso em 21.09.2019

SCHLEE, Andrey Rosenthal. Pela memória de Pelotas. Como sempre! In: **I colóquio sobre história e historiografia da arquitetura brasileira,** Brasília, 2008. Anais. Disponível em: <http://sites.google.com/site/coloquiohh08>. Acesso em 21.09.2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Roteiro da Azulejaria de Pelotas.** Pelotas: Universidade Federal de Pelotas/Instituto de Letras e Artes, 1999. 8 f.